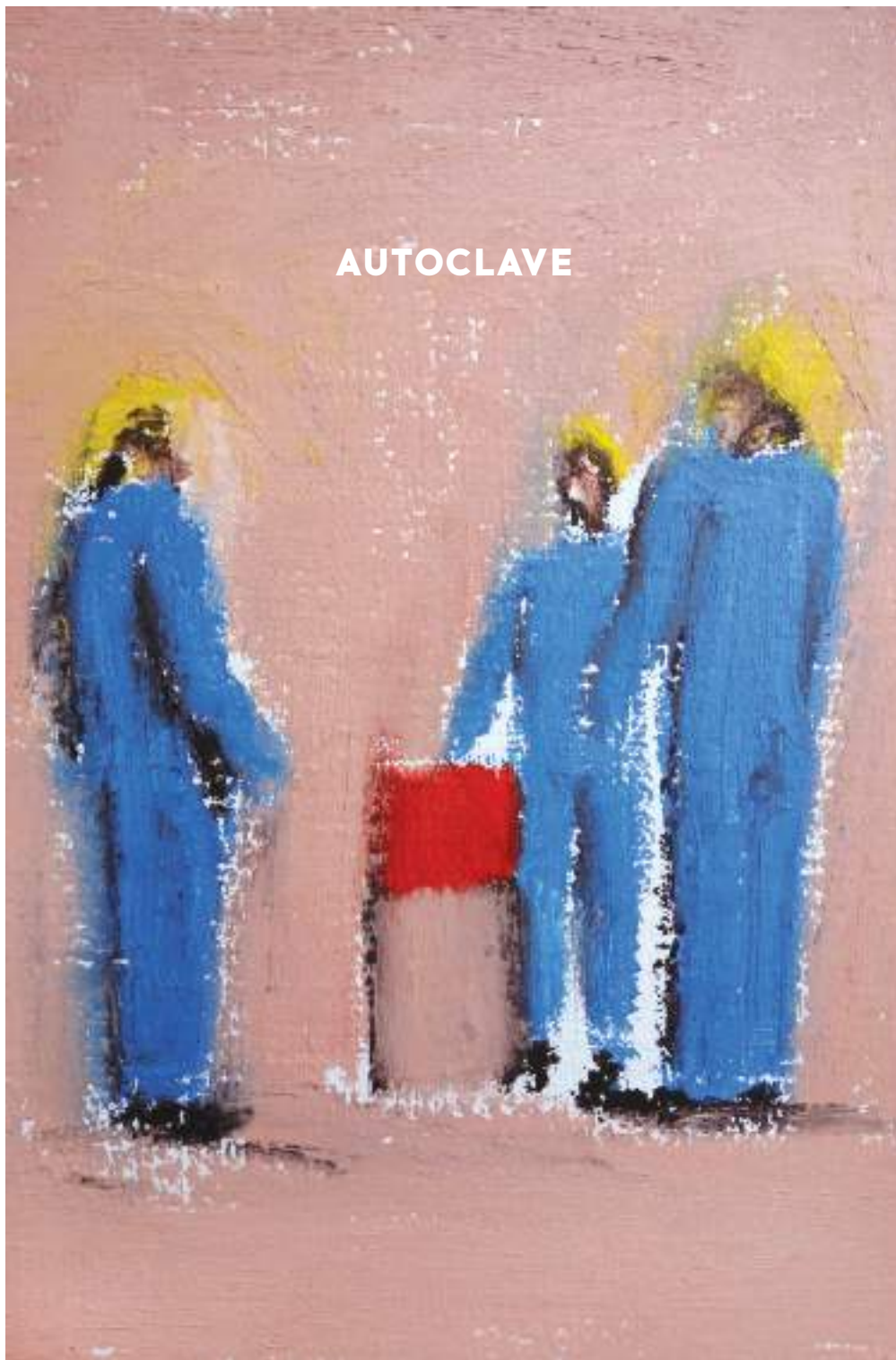


AUTOCLAVE



autoclave s.f. ^(1871 cf. DV) **1** recipiente hermético destinado, entre outros fins, ao aquecimento de líquidos e à indução de reações químicas sob pressão, utilizando temperaturas elevadas **2** MED aparelho que utiliza vapor de água sob pressão para esterilizar instrumentos • ETIM fr. *autoclave* 'id.'; ver *aut(o)-* e *-clave*

-clave *el.comp.* pospositivo, do lat. *clavis, is* 'chave (mas como algo que fecha, encerra, cerra)'; em poucas pal., como *conclave* (sXV), *autoclave*, *enclave/enclave*, estas últimas do sXIX em diante; ver ²*CLAV(I)-*

esterilizar v. ^(1563 60^{ta} Cad II.i.v) **1** t.d.e pron. tornar(-se) estéril, improdutivo (diz-se de solo, planta, árvore) **1.1** t.d. e pron. tornar(-se) infértil, impossibilitado de procriar (diz-se de pessoa, animal); castrar, emascular **2** t.d. livrar de germes <e. a água> <e. instrumentos cirúrgicos> **3** t.d. e pron. fig. tornar(-se) improfícuo; estagnar(-se) <o vício da bebida acabou por e.-lhe a inteligência> <esterilizou-se a campanha pelo fim da violência> **4** t.d. fig. tornar insípido, desinteressante (um assunto) • ETIM *estéril* + *-izar*, sob infl. do fr. *stériliser* (sXIV, raro até o sXVIII); ver *esteril(i)-*; f.hist. 1563 *estrelizar*, 1563 *estralizar*, 1650 *esterilizar* • SIN/VAR *esterilecer*; ver tb. sinonímia de *assolar* • ANT *fecundar*, *fertilizar*



AUTOCLAVE

Em memória de Carlos Correia

INTRODUÇÃO.....	8
INTRODUCTION	10
CAPÍTULO 1.....	13
CHAPTER 1.....	34
BIOGRAFIAS DOS ARTISTAS	52
ARTISTS' BIOGRAPHIES.....	53

Introdução

AUTOCLAVE é o título de um projeto colaborativo, cujo resultado reflete o diálogo entre os artistas Gabriel Secchin e Victor Mattina. O período de troca de aproximadamente um ano é, na verdade, a intensificação de um processo mais longo e contínuo de mútua identificação, tanto pessoal quanto profissional. Para a ocasião desta exposição individual de Secchin, Mattina colaborou na elaboração textual e conceitual do projeto.

Segundo Gabriel, a origem do conceito da mostra deriva da percepção de que a possibilidade de desorientação, ao entrar em contato com sua produção, não se restringe aos espectadores. Seu próprio desorientamento, frente ao exercício de pesquisa e costura de volumosos fios verbais e visuais, o levou a considerar, também, os efeitos resultantes de uma desconcertante justaposição de imagens.¹

Paralelamente, Mattina estabelece que o texto não tem uma pretensão curatorial. Ao não se ater a menções específicas dos trabalhos que compõem a exposição, este livreto procura simular um desenho análogo ao movimento espiralado que o conjunto de obras de Secchin sugere. Enquanto no

texto, os primeiros parágrafos oferecem ao espectador-leitor instrumentos de contextualização, o mesmo se dá na montagem. Apesar das telas de Secchin explorarem individualmente caminhos distintos da linguagem pictórica, o conjunto do primeiro andar da galeria convida para um jogo de associações conceituais e/ou intuitivas.

Tal qual a autoclave, que esteriliza e causa maus odores nauseantes, os trabalhos de Gabriel Secchin atraem o olhar e evocam um humor nonsense que, como efeito colateral, devolvem imagens corrompidas, obscuras e desconfortáveis.

A dualidade texto-exposição está sintetizada em uma instalação no terceiro andar. Percebe-se, por entre os três andares da Portas Vilaseca Galeria, que a produção de Secchin não tem a incumbência de um discurso fechado de pronta-assimilação e, tampouco, de amenizar nossa existência conturbada.

¹Em seu livro *Geographies of Disorientation* (2017), **Marcella S. di Friedberg** escreve no capítulo "A metáfora espacial da Web":

O movimento através do ciberespaço e a associada sensação de desorientação são descritos principalmente usando metáforas espaciais; o ciberespaço é uma rede, uma aldeia global, podemos navegar, surfar ou viajar em suas vias de informações até chegarmos a um *safe port* (porto seguro) ou *home* (lar), um ponto de partida ou destino; essas metáforas nunca são aleatórias e seu uso contribui para a construção da realidade virtual:

Assim, a metáfora pode nos permitir evitar ou pelo menos mitigar os problemas de desorientação que surgem quando consultamos a hipermídia. Estes aparecem quando o usuário tem a sensação de estar perdido dentro do sistema; ele não é mais capaz de identificar sua posição dentro da estrutura geral, refazer o caminho que o levou até esse ponto, discernir as possibilidades agora abertas, ou escolher um destino e traçar um caminho em direção a um ponto que ele sabe existir. (Collard, 2006, p. 86)

Introduction

AUTOCLAVE is the title of a collaborative project, whose result reflects the dialog between the artists Gabriel Secchin and Victor Mattina. The exchange period of approximately one year, is in fact, the intensification of a long and continuous process of mutual empathy, both personally, as well as professionally. Exclusively for this individual exhibition by Secchin, Mattina collaborated in the textual and conceptual creation of the project.

According to Gabriel, the origin of the concept of the exhibit derives from the perception that the possibility of disorientation, upon coming into contact with his work, is not restricted to the spectator. His own bewilderment that resulted from the exercise of researching and mending of the voluminous verbal and visual threads, led him to also take into consideration, the resulting effects of a disconcerting juxtaposition of images.¹

Similarly, Mattina establishes that the text does not possess a curatorial intention. By refraining from adopting the specific citations of the works that compose the exhibit, this booklet seeks to simulate a design, analogous to the spiraling movement suggested by the works

of Secchin. The text, in its first few paragraphs provides the spectator/reader tools for contextualization. The same occurs in the set-up. Despite Secchin's canvases individually exploring distinct paths of pictorial language, the set displayed on the first floor of the gallery invites spectators to join a game of conceptual and/or intuitive associations.

Similar to the Autoclave, which sterilizes and causes nauseating odors, the works of Gabriel Secchin attract the glance of the spectator and evoke a nonsense humor, and then as a side effect, reflect back as corrupted, obscure, and uncomfortable images.

This duality of text-exhibition is synthesized in a set-up on the third floor. It is noticeable, throughout the three floors of the Portas Vilaseca Gallery that Secchin's production does not aim at being a closed, of immediate-assimilation speech, nor does it aim at appeasing our troubled existence.

In her book *Geographies of Disorientation* (2017), **Marcella S. di Friedberg** writes on the chapter on "The spatial metaphor of the Web":

Movement through cyberspace and the associated sense of disorientation are primarily described using spatial metaphors; cyberspace is a network, a global village, we may navigate, surf, or travel on its information highways until we reach a safe port or home, a starting point or destination; these metaphors are never random and their use contributes to the construction of virtual reality:

Thus, metaphor may allow us to avoid or at least to mitigate the disorientation issues that arise when we consult hypermedia. These appear when the user has the feeling of being lost inside the system; he is no longer able to identify his position within the overall structure, retrace the path that has led him to this point, discern the possibilities now open to him, or choose a destination and work out a path towards a point that he knows to exist. (Collard, 2006, p. 86)



Capítulo 1

GABRIEL SECCHIN &
VICTOR MATTINA

A palavra grega ἔσχατον (éskhaton) significa a última coisa que resta. O termo “escatologia” é derivado de ἔσχατος (éskatos: último) e λογία (-logia: estudo). A escatologia é a doutrina cristã sobre o que resta após o apocalipse e a segunda vinda de Jesus Cristo. O paraíso de Deus é prometido como a compensação, não apenas por um longo período de espera, como também pela fé duradoura dos seguidores.

Em português, o termo também possui outro sentido quase totalmente oposto. σκατός (skátos: fezes), quando unido ao sufixo -logia, nomeia literalmente o interesse pelas fezes e, figurativamente, o sórdido e o obscuro. A homonímia não existe em grego, portanto, o que proporemos a seguir será algo particular à nossa língua, puramente especulativo e, sobretudo, herético.

A página 815 de *An Encyclopaedia of Plants*, de John Claudius Loudon, traz a seguinte descrição: “Sterculius era o deus do privado, do esterco, do excremento. Um autor francês observou bem que os romanos, na loucura do paganismo, terminaram por deificar os objetos mais indecentes e as ações mais abjetas. Eles tinham os deuses Sterculius (fezes), Crepitus (flatulência), Priapus (ereção); e as deusas Caca (lareiras e fogões), Pertunda (perda da virgindade) etc.”.

Em 1570, o pintor grego Doménikos Theotokópoulos pintou o Monte Sinai pela segunda vez. Ele o havia feito antes, no verso do retábulo intitulado Tríptico de Modena, enquanto morava em Veneza sob a tutela do pintor Ticiano. Ambas versões foram supostamente realizadas a partir das gravuras do artista veneziano Giovanni Battista Fontana. A topografia imprecisa de Battista

tornara-se ainda mais vertical e distante da realidade nas mãos do grego. Uma intensa luz laranja ba-nha, apenas pela esquerda, os mon-tes Epistene, Horeb e Santa Catarina. As três massas de granito alcalino rasgam os céus e erguem-se ain-da mais eminentes, fumegantes e marrom-escuro. São aglomerações de pórfiro, rocha ígnea, produto de erupções vulcânicas antigas que se formaram provavelmente a partir de extensas escoadas ou explosões violentas de lava, e posteriores deposições de material eruptivo.

Permitam-nos transmutar, através da aproximação formal, a massa de pórfiro marrom escuro em adubo animal, e os vapores vulcânicos em nuvens fedorentas expulsas das entranhas de Crepitus. Imagine o mau cheiro do metano altamente inflamável, sufocan-te, se dissipando em direção aos céus como um fedelho endiabrado

que peida diante do próprio pai. Conseguiria Moisés se manter firmemente de pé sobre o cume do Monte sagrado, ao ouvir as gargalhadas de deuses pagãos vindas de seu próprio abdome?

Se a massa ígnea se transmutasse, magicamente, numa portentosa montanha de fertilizante orgânico, os odores de ovo podre e carne em decomposição, presentes no gás tóxico de sulfeto de hidrogênio, con-vidariam toda a espécie de ani-mais carniceiros a um banquete pantagruélico de putrefação. Refestelados de tanto comerem os insetos e as minhocas do solo, ficariam pesados demais, sufoca-riam, e suas carcaças enriquece-riam ainda mais o solo fumegan-te. As terras gastas ao redor dos montes de esterco não teriam op-ção a não ser verdejarem. Pouco a pouco, o deserto da falta, a ter-

ra santa dos credos abraâmicos se transformaria em alucinada floresta, agreste como a pintura de Antonio Ligabue, uma espécie de neo-éden herético, paraíso obsceno de saborosa abun-dância, tal qual o Sul tropical.

Trinta anos depois de terminar a segunda versão do Monte Sinai, Doménikos, ou simplesmente El Greco, como ficou conhecido na Espanha, de-sempehou outro exercício de transmutação alquímica através da pintura, ao retratar o severo grão-inquisidor espanhol Fer-nando Niño de Guevarra. Termi-nada a obra, ele teria dito ao re-tratado, num gesto de reverência desconcertante: “converteu-se em um fogo sangrento, Eminên-cia!”. O estranho elogio parece querer traduzir o que sua pin-tura deixou evidente – o brilho carmim do manto do inquisidor

havia alcançado a dimensão correta de sua notória brutalidade. Havia um certo risco de o inquisidor espa-nhol perceber como o estrangeiro o bajulava por um lado, mas o cerca-va de chamas de cetim pelo outro, como se secretamente desejasse arremessar o retratado ao fogo num gesto pagão de sacrifício. Talvez a vida pregressa do pintor grego em Creta guardasse muitos segredos. Afinal de contas, ele sempre assinou suas obras com caracteres gregos, mesmo após sua tardia conversão ao cristianismo. Talvez, à noite, ao pensar na mãe de seu filho, Jeróni-ma de las Cuevas, se lembrasse de Priapus e dos sátiros masturbadores. Talvez o inquisidor estivesse ab-sorto demais em seu próprio nar-cisismo para perceber os traços do panteísmo latente em Doménikos.

Próximo de sua morte, El Greco pintou O Quinto Selo do Apo-calipse, nomeada até 1908 apenas

como Amor Profano. Suas figuras esquisitas e alongadas, contra o tempestuoso céu de Toledo, recebem o manto da salvação enquanto São João Evangelista ergue os braços em direção ao nada. Sabemos que depois de 1880, pelo menos 175 centímetros da parte de cima do trabalho foram eliminados por restauradores, no mínimo, suspeitos. Esta estranha atitude de retirar justo a parte superior de um quadro sinistro de El Greco, parte esta que corresponde justamente ao Amor Sagrado do Divino, parece condenar a última obra do velho pintor a um apocalipse sem a presença redentora de Deus, sem “eskaton”, como se dos céus só restassem as nuvens e estas se abraçassem para afogar o mundo em suas cinzas.

A casa de repouso Eskaton é a maior organização sem fins lucrativos a servir os idosos da área da Grande Sacramento, Califórnia.

Fundada em 1968, seu lema é “transformar a experiência do envelhecimento”. Num par de fotos posadas, homens e mulheres de cabelos brancos sorriem ao lado de pequenas pinturas de gatos e paisagens, compostas por flores e pássaros dos jardins ao redor da casa. Neste ambiente sereno, outros residentes, cujas identidades manteremos em segredo, se interessam por assuntos menos prosaicos e que aprofundam a complexidade de seus quadros clínicos. Um deles afirma ser a reencarnação de Moisés e descreve a pintura que El Greco realizou do Monte Sinai, no final do século XVI, como se pudesse observá-lo em seu ateliê. Uma senhora diz ter presenciado a evangelização do Brasil, em meio a aves e onças pintadas, árvores longuíssimas com frutos estranhos e pegajosos, e padres



canibais que comiam seus próprios dedos. Ela conta, também, da vez que gastou parte de suas economias num extravagante cruzeiro e nadou nua no rio Amazonas, ainda que soubesse da existência de peixes carnívoros e parasitas tropicais. Um antigo residente, famoso por conseguir o privilégio de evitar cumprir o cronograma rigoroso da casa e pintar durante a madrugada, se lembra da vez que conheceu um pintor italiano muito estranho, durante uma noite de bebedeira num vilarejo na Itália. “Um dos sujeitos mais singulares que conheci”, diz. Enquanto bebiam cerveja barata, os dois conversaram sobre amores, comida e caça. Lá pelas tantas, os dois homens escoravam-se um no outro, como fazem os velhos amigos, e o italiano achou por bem confessar, bem baixinho e à guisa de segredo íntimo, ser capaz de metamorfosear-se no animal de sua

escolha. Uma gargalhada coletiva explodiu no interior da taverna fazendo-o notar, não apenas que havia outras quatro pessoas na taverna naquela noite, como também que todos ouviram sua confissão. Até o encarregado por lavar o chão da cozinha riu do italiano, conta o residente. Furioso, seus olhos se viraram para baixo, sua boca se torceu num focinho e num só golpe, no-cauteou o colega de copo com uma garrafa. A cicatriz em forma de U ainda vinca o couro cabeludo do residente, que nunca mais soube do seu distinto agressor.

O italiano era, na realidade, o pintor naíf ítalo-suíço Antonio Ligabue (1899-1965), nascido Laccabue, filho de Elisabetta Costa e pai desconhecido, que viu, aos catorze anos, sua mãe e irmãos mais velhos morrerem após um episódio de intoxicação

alimentar. Ligabue, que acreditava que o pai havia planejado a tragédia, trocou de sobrenome, foi adotado por uma nova família, e expulso da Suíça aos vinte anos, a pedido de sua mãe adotiva. Voltou então a Gualtieri, na província de Reggio Emilia, onde seu pai supostamente teria nascido, uma cidade vizinha de Modena, onde El Greco fez a primeira versão do Monte Sinai. Sem saber uma palavra de italiano, viveu o início de sua fase adulta como um andarilho em um casebre no bosque às margens do Rio Pó. Alguns anos mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial, foi intérprete do exército italiano para as tropas alemãs, pois sabia o idioma germânico desde a infância. Comia e se vestia da caridade do asilo para mendigos e, no inverno, se refugiava em um celeiro na Villa Malaspi-

na. Após o episódio de psicose, no qual, durante uma briga de taverna, estilhaçou uma garrafa na cabeça de um soldado alemão, tornou-se paciente do Instituto Neuropsiquiátrico de San Lazzaro, onde foi diagnosticado como maníaco depressivo.

Ligabue tinha o hábito de ferir o próprio nariz, arranhando-o com as unhas, pedriscos e paredes brutas. Muitos autorretratos carregam esta ferida em diferentes estágios de cicatrização. Confessou a amigos próximos o desejo de tornar-se um pássaro. Sua intenção, ao se automutilar, dizia, era a de transformar sua cartilagem nasal no bico de uma ave de rapina. Na infância, uma forma fantasmagórica lhe causou enorme espanto quando, por detrás das barras de ferro do zoológico, um falcão, postado na penumbra de seu cativo, destrinchava a carne de um pequeno roedor servido como

lanche – sentiu medo e fascínio. Quando interpretam este desejo de metamorfose num paciente com sofrimento mental, é normal que pensem que o paciente pretende fugir, mas as aves de Antonio parecem gigantescos anjos destruidores, fincados na terra com o propósito de trazer o fim dos tempos. Não à toa, uma famosa pintura sua põe uma águia de impressionante envergadura com as asas abertas, o peito estufado e olhos intensos, sobre a garganta de uma raposa que se debate e contorce a boca num grito de morte. O predador bate as asas sobre a presa. No canto inferior direito da obra há um escorpião, marca inconfundível do pintor, que participa da cena com o peso de uma assinatura, como um postilhão minúsculo a conduzir uma carruagem repleta de enigmas cifrados no idioma de aves cruentas.





Além de oferecer pas-
satempos que envolvem música
e pintura, a casa de repouso
Eskaton reconhece o valor das
atividades ao ar livre. A jardina-
gem é uma outra possibilidade
de entretenimento em casos de
melhor condição física do re-
sidente, desde que o calor seco
do sudoeste da Califórnia esteja
menos rigoroso. Para garantir
jardins verdejantes o ano todo,
a equipe de paisagistas da casa
Eskaton utiliza uma técnica co-
nhecida como Xeropaisagismo,
na qual são utilizadas plantas
que se adaptaram a ambientes
hostis, como desertos, locais de
grande altitude com solos pe-
dregosos e áreas abertas com
alta intensidade de raios solares.
Além de demandar pouca água,
elas necessitam de solos mais
arenosos com ótima drenagem
e possuem maior resistência a

ventos fortes e doenças. As varia-
des *Portulaca grandiflora* ou Onze-
-Horas, *Thymus vulgaris* ou tomilho,
Iberis sempervirens ou Ibérica,
Sedum ou Vermiculária, *Semper-
vivum tectorum* ou Suculenta Sem-
pre-viva, *Delosperma cooperi* ou
a Tapete-Rosa, e o *Asphodelus fis-
tulosus* ou cebolinho-de-burro são
algumas das espécies que colorem
os arredores da casa de repouso.

O Asfódelo, planta herma-
frodita oriunda do norte da África,
sul e centro da Europa, simboliza
o infraterreno na mitologia grega,
quando na forma de coroa sobre a
cabeça de Perséfone, a filha de Zeus
e Deméter sequestrada por Hades.
Segundo a Odisseia de Homero, o
Campo de Asfódelos fica na beira
do mundo, em um lugar obumbrado
onde o sol nunca brilha, para onde
são dirigidos os corpos dos vivos
ao morrerem. Diferente do Tártaro,
destinado ao julgamento e castigo

das almas impiedosas, o Campo é descrito pelos antigos como uma monótona planície para onde são enviados aqueles que em vida não possuíram nenhuma glória ou mérito significativos, mas também não proporcionaram barbáries nem cometeram atos criminosos. Segundo os gregos antigos, neste Campo os medíocres não receberiam castigos ou gratificações, mas estariam apenas fadados à tristeza de vagar eternamente pela planície escura do neutro purgatório.

O errante sem glórias, virtudes, paixões e excessos é sentenciado a um estado vegetativo da alma, como se depois de beber do rio Lete e esquecer-se de sua vida, a perda da memória não tivesse qualquer relevância. Então o sujeito vê, naquele vasto nada, seu melhor amigo. De sua boca só saem comentários idiotas a respeito do clima, nunca chuvoso ou ensolarado. Com um

leve incômodo ergue os olhos ao céu cinza e bufa entediado. O amigo não participa da conversa, ou os dois aborrecidos são tão parecidos que não precisam falar – pensam as mesmíssimas coisas e são amigos pelo mesmo motivo. Não têm saudades do vinho ou da arte. Um milênio se passa e finalmente arrancam as fódolos da terra para cheirarem. Seus narizes se acostumaram à fragrância constante daquela flor e tudo torna-se indistinto.

Aqueles que andam mais atentos por este imenso campo cinza conseguem ver ao longe a luz tênue do que parece ser uma lâmpada fraca. Deve ser o sol cansado, pensam. Ao se aproximarem do brilho, percebem uma TV de raios catódicos que emite uma bolha pulsante de luz, o fluxo e refluxo de uma espécie de respiração elétrica.

O cabeçote do aparelho de VHS acoplado à TV move-se ruidosamente, os mecanismos internos clicam e as caixas de som expulsam uma voz masculina que canta a mesma frase em loop. As palavras After Life Entertainment (entretenimento pós-vida) surgem na tela, cortadas horizontalmente por linhas de ruído visual. Todos mergulham num torpor narcótico profundo e o limbo se instaura reduzido a alguns segundos de um nada excessivamente miserável, em eterna repetição, que ora é o mais intenso conforto, ora amplia a sensação de aprisionamento. Situação atormentada, que começa inócua nos primeiros anos, até a percepção de tempo se liquefazer e o pós-vivo enlouquecer à procura de uma saída para a mesmice. Esses deslizamentos da mente na direção da

loucura tornam-se cada vez mais frequentes até que, finalmente, a percepção deste som se desvanece em contínuo ruído. A visão dos pós-vivos enturvece em tons de cinza e permanece assim eternamente.



Como um organismo que expande sua membrana plasmática, a borda do Campo de Asfódelos se alonga, domina a terra, ganha montes, encostas e penetra cada fresta e orifício das profundas cavidades subterrâneas. As raízes das flores do limbo crescem pesadas, desdobrando-se em capilares que enredam e estrangulam o solo fértil em torrões mortos. Inicialmente, esta amarração contrai tanto a terra quanto a pedra, e todo o chão crepita como os ossos da coluna de um velho. A vegetação cinza se alastra, comprime ninhos e tocas. Animais cegos e sem pigmentação, adaptados à vida das cavernas não saem de seus territórios, mas firmam as patas para resistir à expansão do Campo. Dos novos asfódelos, pinga um néctar escuro, cujo odor lembra o da maresia. Pequenos riachos escuros umedecem o solo, de onde

surgem massas de mofo preto, cujos esporos cobrem os céus em densas nuvens imóveis. Pássaros migram em múltiplas direções, tal qual um enxame de almas em lenta procissão. O ar denso gruda nas penas, faz pesar seus ossos ocos de pássaro, e os obriga a pousar e esperar.

Solos sadios são lentamente consumidos e adoecem. As águas evaporam e se misturam aos esporos suspensos na atmosfera miasmática. Ossadas e corais mortos emergem de depressões existentes na região abissal dos oceanos, onde a salmoura se acumula. Montes coagulados de gordura animal borbulham para fora das águas, e esferas luminosas fogem das caudas de enguias elétricas, deixando para trás o animal vivo, ainda que descarregado. O planeta de árvores,

morros, montes, vales e crateras torna-se anêmico e tonal. Gafanhotos, besouros, formigas, moscas, cigarras, percevejos, abelhas, opiliões, vespas, baratas, perlários, lacraias, lagartas, ácaros, cupins, louva-a-deus, libélulas, cochonilhas, piolhos, pulgas, bichos-pau, carrapatos, vaga-lumes, joaninhas, borboletas, mariposas, traças, gorgulhos, mosquitos, colêmbolos, pulgões, aranhas, bichos-da-seda, assim como seus ovos e larvas, perduram eternamente. O ciclo vida-morte é interrompido como vídeo em pausa.

A ancestral pulsação planetária transforma-se num tremor de mandíbulas aflitas, justamente porque a grande fome cessou. Os dentes caninos já não servem pra nada, as vidas breves das presas agora não são tão frágeis.

Todas as espécies não mais sentem dor, sede ou cansaço e podem se concentrar nos ritos de acasalamento, mas lhes falta libido. Mesmo que houvesse interesse na reprodução, não perceberiam seus parceiros, já que tudo é cinza e o único cheiro realmente pungente é o dos asfódelos, que encobrem todos os traços de feromônio. Os diferentes seres clamam com zumbidos, trinados, silvos, uivos, murmúrios e suspiros uns pelos outros, e todos por alguém. Só existe a espera ao que está fora do alcance dos olhos, porque dos céus só restam as nuvens, que se abraçam para afogar o mundo em suas cinzas.

malthusiano através da expansão do nada através de mortes adversário morte, interminável nada e a faca preta do nihilismo morte, interminável nada e a faca preta do nihilismo miasma da sepultura circunvolução purgativa interminável peregrinação chthe'ilist para dentro das masmorras de ingurgitante obscuridade o último crepúsculo chthe'ilist desova do vácuo o último crepúsculo voz espectral visões de desmembramento psíquico corredores erodidos da não-existência voz espectral exalação terminal corredores erodidos da não-existência morto ascendido iludido pela eternidade manifestação repugnante hora do sofrimento devorador vácuo amorfo em ascensão passageira hora do sofrimento procissão para o infinito obscuro em ascensão passageira contaminado sem tempo para apodrecer último homem phrenelith desolador lugar final desolador lugar final feitiço de sangue inanição pairante extinção interdimensional profanação do triúmviro em transe pela imundice derramamento de sangue espiritual mortuoso o morto ainda sonha através da selva ulthar devora-cosmos devora-cosmos paraíso exterior vórtice de pensamento reino de eterno apodrecimento nosso local de culto é o silêncio purgatório artificial com inexorável sofrimento nosso local de culto é o silêncio desorientação labiríntica com inexorável sofrimento petrificação assimilação tecnológica o oco do vácuo krallice vá ser esquecido vá ser esquecido krallice poeira e luz diotima thantifaxath o reluzente branco nada no final do túnel sagrado ruído branco thantifaxath caindo eternamente sagrado ruído branco thantifaxath perdido na estática entre mundos sagrado ruído branco thantifaxath vácuo disfarçado de matéria vácuo disfarçado de matéria cruciamentum dissolução de percepção mortal caminhos do ossário jupiteriano cinza permanente afótico nilo imortalidade pela arte / ímpio no começo carne séptica o morto-vivo continua sonhando a grande missa apodrecimento da alma transfigurado pelo vácuo manifestações hediondas sem nome usea violência cósmica aleatória violência cósmica aleatória cristo-bode uma meditação em quietude morta disciplina e terror além da criação através do tempo e esquecimento algoritmo asfixia sinteticamente ressuscitado dejetos humanos asfixia padrões translúcidos do delírio asfixia fundição cerimonial nossa jornada pelo sempre a besta é barbárica ritos de mutilação uma época de chuva cinza empíreo ritos de mutilação reinos de demência empíreo aflição silenciosamente, silenciosamente não-dramático não-dramático anicon destino alucinante exegese anicon afogado na miragem mantra da entropia antigo pântano sem fim celestial antigo ilusões nas profundezas anomalia antigo lamentando a morte do mundo anomalia alvorada com raios vazio abaixo do grande vazio agregação ilícita cérebro artificial fluuando no delírio horizonte infravermelho cérebro artificial estilhamento estático horizonte infravermelho john frum presságio do vazio ativando o intelecto pyrrhon eternidade em um sopro a mãe das virtudes pyrrhon espírito do cortiço vazio o que é aceito como sobrevivência ulcerar santuários da paralisia santuários da paralisia demilich e você permanecerá...em pedaços no nada 20° adversário do vazio demilich vazio do desaparecimento 20° adversário do vazio demilich desaparecimento do vazio 20° adversário do vazio gorguts a erosão da sanidade a erosão da sanidade gorguts odores da existência a erosão da sanidade gorguts reduzido ao silêncio areias coloridas imolação eu não sinto nada doravante sepultura de mio campos de ossos espalhados euforia do suicídio círculo ikraliano absurdo de ecos transabismais êxtases da sepultura auroch sedimentos da sanidade de mundos esquecidos pai imundo paraíso do profano nada destituição mórbida do pacto dessegrede abolição da mente morte estoíca dessegrede infinitude próxima o horizonte mortal revoltante braços até o sempre fisionomias do indizível apodrecimento do vácuo consumido pelo oblvio consumido pelo oblvio serpente-lobo um sopro na sombra do tempo perigaea antahkarana serpente-lobo oculto entre raízes e terra perigaea antahkarana tumbas sob a mata tóxica horas inverniais tumbas corredores do sempre medo é a arma tumbas buraco negro do verão trajetória da ocultação total cova rasa neblina química cova rasa ancestrais a incandescência morna suspenso em reflexões tetragramacídio mandala hiperespacial de latências intuitivas incineradores primitivos da matriz moral tetragramacídio arroto de consciência anti-existencial indecifráveis fórmulas anti-estruturais dos buracos de minhoca tifonias evocar o medo depois hipnagogia evocar hipnopômico hipnagogia evocar descida aos sonhos caóticos morte preta evocar carícia do vácuo carícia do vácuo evocar dormir eternamente aceitar o vazio panteísta buscando infinitude, alcançando eternidade buscando infinitude ahab tempo é como chumbo derretido o gigante ceticismo fragmento de luz, pitada de infinito pharmakon tirania sonoro uivo além das estrelas marés do despertar esoctrilium abra o portão do caminho desconhecido para a descida metamórfica pandaemorthium esoctrilium sopro da forma silenciosa pandaemorthium aosoth caminho da luz distorcida cinzas de anjos aosoth ensinando/apagando cinzas de anjos lua do caos simulacro de espelhos langor em ecos, além lua do caos imortalidade amarga, a carcaça submersa beleza escuridão caos lua do caos memória do eschaton I memória do eschaton lua do caos memória do eschaton II memória do eschaton sepulcro apodrecimento planetário tapeçaria do mausoléu sepulcro rumo a uma terrosa ruptura horror panóptico sepulcro flagelo do vazio horror panóptico ossuário alucinações corrosivas alucinações corrosivas putrefação do caixão incubação de loucura morfinista zumbido tropical sessão de euforia morfinista prometendo prazer mas oferecendo nenhum luxúria morfinista uma sensação bizarra luxúria morfinista superorganismo esotérico preso dentro da maquinaria ardente decomposição parasitária da mente o pútrido fedor da decomposição do eu própria luz força deifugaz consciência auto-aniquiladora males os ecos minguraram o desvendar males qualquer centelha de vida o desvendar oferenda ambições rumo ao nada ambições rumo ao nada oferenda habitante do limiar a saída da consciência oferenda sofrimento no eterno vácuo a saída da consciência oferenda intermissão cerebral a saída da consciência oferenda desolação cósmica ritos de desespero oferenda altar de musgo, líquen e sangue ritos de desespero oferenda ascensão ritualística por uma alma chorosa ritos de desespero oferenda uma transmutação ritos de desespero um um jardim onde nada germina sentimento um o túmulo de todas as coisas o túmulo de todas as coisas viajante novo amanhecer de almas antigas almas antigas viajante tundra imortal almas antigas viajante tudo perdido no caos sem propósito almas antigas viajante planície onírica sangue do mundo peste negra flamejantes mundos de excrementos revelações da espada vermelha assombrada nossa partida pálida desprovido de luz medonho morte por meditação veludo da morte medonho sussurros pelo éter veludo da morte mar conhecido costurando a linha da transcendência monolito de phobos mar conhecido eternidades efêmeras monolito de phobos mar conhecido pressão da degeneração uma lucidez extraconsciente mar conhecido pulsações em lucidez extraconsciente uma lucidez extraconsciente mar conhecido dimensões temporais ocultas éter luminoso panteão de carvalho amanhecer como um novo dia em pedaços folclore espectral à deriva por musgo e rochas antigas III folclore espectral um cavaleiro nas terras de uma paisagem onírica III odisséia da meia-noite o que era não é mais silhuetas de estrelas odisséia da meia-noite a árvore do mundo queima em vapor silhuetas de estrelas capela da doença vácuo de palavras ...e como já vimos a tempestade, nós aceitamos o olho capela da doença o som de um cinza raso ...e como já vimos a tempestade, nós aceitamos o olho capela da doença os caminhos misteriosos... os caminhos misteriosos da arte repetitiva capela da doença ...da arte repetitiva os caminhos misteriosos da arte repetitiva





malthusian across the expanse of nothing across deaths adversarial death, endless nothing and the black knife of nihilism death, endless nothing and the black knife of nihilism grave miasma purgative circumvolution endless pilgrimage chthe'ilist into the vaults of ingurgitating obscurity le dernier crépuscule chthe'ilist voidspawn le dernier crépuscule spectral voice visions of psychic dismemberment eroded corridors of unbeing spectral voice terminal exhalation eroded corridors of unbeing ascended dead ensnared for eternity abhorrent manifestation suffering hour devouring shapeless void in passing ascension suffering hour procession to obscure infinity in passing ascension contaminated no time to rot final man phrenelith desolate endscape desolate endscape blood incantation hovering lifeless interdimensional extinction triumvir foul entranced by filth spiritual bloodshed mortuous the dead yet dream through wilderness ulthar cosmovore cosmovore outer heaven vortex of thought realms of eternal decay our place of worship is silence artificial purgatory with inexorable suffering our place of worship is silence labyrinth disorientation with inexorable suffering petrification technological assimilation hollow of the void krallice go be forgotten go be forgotten krallice dust and light diotima thantifaxath the bright white nothing at the end of the tunnel sacred white noise thantifaxath eternally falling sacred white noise thantifaxath lost in static between worlds sacred white noise thantifaxath void masquerading as matter void masquerading as matter cruciamentum dissolution of mortal perception charnel passages jupiterian permanent grey aphotic Nile immortality through art / godless in the beginning septicflesh the undead keep dreaming the great mass soul rot transfigured through the void nameless hideous manifestations usnea random cosmic violence random cosmic violence goatchrist a meditation in dead stillness discipline and terror beyond creation à travers le temp et l'oubli algorithm suffocation synthetically revived human waste suffocation translucent patterns of delirium suffocation ceremonial castings our journey through forever barbaric is the beast mutilation rites a season of grey rain empyrean mutilation rites realms of dementia empyrean woe quietly, undramatically quietly, undramatically anicon hallucinating fate exegeses anicon drowned in the mirage entropy mantra ancst endless marsh celestial ancst delusions in the deep anomaly ancst lamenting a dying world anomaly dawn ray'd emptiness beneath the great emptiness the unlawful assembly artificial brain floating in delirium infrared horizon artificial brain static shattering infrared horizon john from presage of emptiness a stirring in the noos pyrrhon eternity in a breath the mother of virtues pyrrhon empty tenement spirit what passes for survival ulcerate shrines of paralysis shrines of paralysis demilich and you'll remain...in pieces in nothingness 20th adversary of emptiness demilich emptiness of vanishing 20th adversary of emptiness demilich vanishing of emptiness 20th adversary of emptiness gorguts the erosion of sanity the erosion of sanity gorguts odors of existence the erosion of sanity gorguts reduced to silence colored sands immolation I feel nothing here in after pissgrave fields of scattered bones suicide euphoria ikrallian circle trans-abysmal echoes nonsense grave ekstasis auroch dregs of sanity from forgotten worlds father befooled paradise of desecrated nothingness morbid destitution of covenant desecresy abolition of mind stoic death desecresy approaching infinity the mortal horizon revolting fathoms unto forever visages of the unspeakable void rot consumed by oblivion consumed by oblivion wolvserpent a breath in the shade of time perigaea antahkarana wolvserpent concealed among the roots and soil perigaea antahkarana tombs beneath the toxic jungle winter hours tombs hallways of the always fear is the weapon tombs black hole of summer path of totality shallow grave chemical fog shallow grave ancestors the warm glow suspended in reflections tetragrammacide hyper-spatial mandala of intuitive latencies primal incinerators of moral matrix tetragrammacide eructation of anti-existential consciousness typhonian wormholes indecipherable anti-structural formulae evoked the fear after hypnagogia evoked hypnopompic hypnagogia evoked descent into chaotic dream atra mors evoked a caress of the void a caress of the void evoked to sleep eternally embrace the emptiness pantheist seeking infinity, reaching eternity seeking infinity ahab time's like molten lead the giant skepticism shred of light, pinch of endless farmakon tyranny sonorous howl from beyond the stars tides of awakening esoctrilium open the gate of unknown path to the metamorphosis descent pandaemorthium esoctrilium breath of the silent shape pandaemorthium aosoth path of twisted light ashes of angels aosoth teaching/erasing ashes of angels chaos moon simulacrum of mirrors languor into echoes, beyond chaos moon bitter immortality, the sunken hull beauty darkness chaos chaos moon eschaton mémoire I eschaton mémoire chaos moon eschaton mémoire II eschaton mémoire sepulcher planetary decay mausoleum tapestry sepulcher towards an earthly rupture panoptic horror sepulcher scourge of emptiness panoptic horror ossuarium corrosive hallucinations corrosive hallucinations coffin rot incubation of madness morphinist tropical drone the euphoria session morphinist promising pleasure but offering none lust morphinist a bizarre sensation lust morphinist superorganism esoteric trapped within burning machinery parasitic mind decomposition the putrid stench of decaying self eigenlicht deifugal force self-annihilating consciousness ails the echoes waned the unraveling ails any spark of life the unraveling fórn ambitions toward nothingness ambitions toward nothingness fórn dweller on the threshold the departure of consciousness fórn suffering in the eternal void the departure of consciousness fórn cerebral intermission the departure of consciousness fórn cosmic desolation rites of despair fórn altar of moss, lichen & blood rites of despair fórn ritual ascension through a weeping soul rites of despair fórn a transmutation rites of despair un a garden where nothing grows sentiment un the tomb of all things the tomb of all things wayfarer old souls' new dawn old souls wayfarer deathless tundra old souls wayfarer all lost in aimless chaos old souls wayfarer the dreaming plain world's blood svartidaudi burning worlds of excrement revelations of the red sword uada our pale departure devoid of light ghastly death by meditation death velour ghastly whispers through the aether death velour mare cognitum weaving the thread of transcendence phobos monolith mare cognitum ephemeral eternities phobos monolith mare cognitum degeneracy pressure an extraconscious lucidity mare cognitum pulses in extraconscious lucidity an extraconscious lucidity mare cognitum occultated temporal dimensions luminiferous aether oak pantheon dawn as a new day in pieces spectral lore drifting through moss and ancient stone III spectral lore a rider in the lands of an infinite dreamscape III midnight odyssey what was is no more silhouettes of stars midnight odyssey the world tree burns to vapour silhouettes of stars chapel of disease void of words ...and as we have seen the storm, we have embraced the eye chapel of disease the sound of shallow grey ...and as we have seen the storm, we have embraced the eye chapel of disease the mysterious ways... the mysterious ways of repetitive art chapel of disease ...of repetitive art the mysterious ways of repetitive art

The Greek word ἔσχατον (*éskhaton*) means the last thing that remains. The term eschatology derives from ἔσχατος (*éskatos*: last) and λογία (-logy: study, study of). Eschatology is a Christian doctrine about what remains after the apocalypse and the second coming of Jesus Christ. God's paradise is promised as compensation, not only for the long wait, but also for the lasting faith of his followers.

In Portuguese the term also has an almost complete opposite meaning. σκατός (*skátos*: feces), when joined with the suffix -logia, literally delineates an interest in feces, and figuratively, sordidness and the obscene. This homonymy does not exist in the Greek language, therefore, what we will propose next will be specific to the Portuguese language, purely speculative, and above all, heretical.

Page 815 of 'An Encyclopaedia of Plants', by John Claudius Loudon, brings forth the following description: "Sterculius was the god of the privy, from *stercus*, excrement. A French author clearly observed that the Romans, in their madness of paganism, ended up deifying the most indecent objects and the most disgusting actions. They had the gods Sterculius (feces), Crepitus (flatulence), Priapus (erection); and the goddesses Caca (fireplaces and stoves), Pertunda (loss of virginity), etc."

In 1570, the Greek painter Doménikos Theotokópoulos painted Mount Sinai for the second time. He had previously painted the mountain on the back of an altarpiece called Modena Triptych, while he lived in Venice under the guidance

of painter Titian. Both versions were supposedly painted using the illustrations of the Venetian artist, Giovanni Battista Fontana, as a reference. Battista's imprecise topography became even more vertical and distant from reality in the hands of the Greek painter. An intense orange light floods, albeit only from the left, the Mounts Episteme, Horeb, and St. Catherine. The three alkaline granite masses tear the skies and rise even more prominently, in a smoky shade of dark-brown. They are agglomerations of porphyry, igneous rock, resulting from ancient volcanic eruptions that were most likely formed from extensive drainage or violent explosions of lava and subsequent depositions of eruptive material.

Allow us to transmute, by means of a formal approxima-

tion, the mass of dark brown porphyry into animal manure, and the volcanic vapors into stinky clouds expelled from the bowels of Crepitus. Imagine the ill-smell of the highly flammable methane, suffocating and dissipating itself towards the heavens like a devilish brat who farts in the presence of his own father. Would Moses have been capable of standing firmly on the mountaintop of the holy mount, upon hearing the laughter of Pagan gods coming from his own abdomen?

If the igneous mass were to transmute, magically, into a portentous mountain of organic fertilizer, the odors of rotten eggs and decomposing flesh, present in the toxic hydrogen sulphide gas, would invite all sorts of species of scavenging animals to a pantagruelic banquet of putrefaction. Sated from eating insects and worms, they would then become too heavy, suffocate, and



their carcasses would further enrich the fuming soil. The worn out lands surrounding the mountain of manure would not have any other option, but to flourish. Little by little, the lacking desert, the holy land of the Abrahamic creeds, would transform into a wild forest, dense like the painting by Antonio Ligabue, a sort of heretical neo-Eden, an obscene paradise of savory abundance, much like the tropical south.

Thirty years after completing the second version of Mount Sinai, Doménikos, or simply El Greco, as he became known in Spain, carried out another exercise in alchemical transmutation through painting, upon portraying the great ruthless Spanish inquisitor, Fernando Niño de Guevarra. Once completed, he supposedly told the depicted subject of his painting,

in a gesture of disconcerting reverence: “you’ve become a bloody fire, your Eminence!”. The strange compliment seems to have wanted to express what his own painting had made quite evident - the crimson glow of the inquisitor’s cloak had portrayed the adequate magnitude of his notorious brutality. There was a certain risk that the Spanish inquisitor would notice how the foreigner was flattering him on one hand, yet surrounding him with flames of satin, as if he secretly longed to cast the character into the fire, in a Pagan gesture of sacrifice. Perhaps the past life of the Greek painter in Crete held many secrets. After all, he always signed his works of art using Greek characters, even following his late conversion to Christianity. Perhaps, at night, as he thought about the mother of his son, Jeronima de las Cuevas, he would remember Priapus, and the

masturbating satyrs. Perhaps the inquisitor was too engrossed in his own narcissism to realize the traces of latent pantheism in Doménikos.

Near his death, El Greco painted *Opening of the Fifth Seal*, referred to as *Profane Love* up until 1908. Its strange and elongated characters, contrasting against the tempestuous skies of Toledo, receive the mantle of salvation while John the Evangelist raises his arms towards the void. It is known that after 1880, at least 175 centimeters of the top section of the artwork were eliminated by restorers, who were at the least, questionable. This strange gesture of removing specifically the superior portion of a sinister painting by El Greco, a portion which corresponded to the sacred love of the divine, seems to condemn the last work of art of the old painter to an apocalypse without the redeeming presence of God, without “eska-

ton”, as if from the heavens only the clouds remained, and said clouds embraced one another to drown the world in their ashes.

The Eskaton nursing home is the largest non-profit organization serving the elderly in the Greater Sacramento area in California. Founded in 1968, its motto is “Transforming the aging experience”. In a couple of staged photos, men and women with white hair smile beside small paintings of cats and landscapes, composed of flowers and birds from the gardens surrounding the house. In this serene environment, other residents, whose identity we shall maintain anonymous, become engrossed in less prosaic matters enhancing the complexity of their clinical state. One of them claims to be the reincarnation of Moses and describes the paint-



ing that El Greco created of Mount Sinai, at the end of the 16th century, as if he were able to observe it in his own studio. One lady claims to have witnessed the evangelization of Brazil, amidst birds and jaguars, ludicrously tall trees with strange and viscous fruits, and cannibalistic priests who ate their own fingers. She tells us as well, about when she spent part of her savings on an extravagant cruise and swam naked in the Amazon river, despite knowing about the existence of carnivorous fish and tropical parasites. An old resident, famous for attaining the privilege of evading the rigorous schedule of the nursing home which stipulated painting during the early hours of the morning, recalls the time when he met a very strange Italian painter, during a night of heavy drinking in a small village in Italy. "One of the most unique individuals I have ever met,"

he says. While they drank cheap beer, the two chatted about loved ones, food, and hunting. Well into the night, the two men leaned against one another, as old friends do, and the Italian found it best to confess, quietly, and under the guise of an intimate secret, that he was able to metamorphose into any animal of his choice. A collective roar of laughter erupted within the tavern, making him realize that there were not only four other people in the tavern that night, but that they had all heard his confession. "Even the person responsible for washing the kitchen floor had laughed at the Italian", said the resident. Furious, his eyes gazed downwards, his mouth twisted into a muzzle and in one swift motion, he knocked out his drinking colleague with

a bottle. The scar, in the form of a U still marks the scalp of the resident, who never again heard from his distinguished aggressor.

The aforementioned Italian was, in fact, the Italian-Swiss naïve painter Antonio Ligabue (1899-1965), born Lacabue (son of Elisabetta Costa and an unknown father), who witnessed, at the age of 14, his mother and older brothers die following an episode of food poisoning. Ligabue, believing his father had planned the tragedy, changed his surname, was adopted by a new family and was then kicked out of Switzerland at the age of 20, as per the request of his own adoptive mother. He then returned to Gualtieri, in the province of Reggio Emilia, where supposedly his father had been born, a city neighboring Modena, where El Greco paint-

ed his first version of Mount Sinai. Without knowing a single word of Italian, he lived the beginning of his adult life as a wanderer in a shack in the woods on the banks of the Po River. A few years later, during World War II, he became an interpreter of the Italian army for the German troops, for he knew the Germanic language since his childhood. His food and clothing came from a homeless charity, and in winter he took refuge in a barn in Villa Malaspina. After a psychotic episode, in which during a tavern fight he smashed a bottle on a German soldier's head, he became a patient at the San Lazzaro Neuro-psychiatric Institute, where he was diagnosed as a manic depressive.

Ligabue had the habit of harming his own nose, scratching it with his nails, pebbles, and against rough walls. Many self-portraits depict this wound

at different stages of healing. He confessed to close friends, his wish of becoming a bird. His intention when he harmed himself, he said, was that of transforming his nasal cartilage into a beak of a bird of prey. During his childhood, a ghostly image caused him great fright, when from behind the iron bars of a zoo, a falcon, doomed to the gloom of his own captivity, ripped apart the flesh of a small rodent which had been served as a snack - he felt both fear, and fascination. When this desire for metamorphosis is observed in a patient with mental issues, it is normal for one to expect that the patient intends to run away, but Antonio's birds were like gigantic destructive angels, jammed into the earth with the intent of bringing the end of times. It is not surprising that one of his famous paintings depicts an eagle of impressive proportions

with open wings, with its chest puffed out and its eyes intense, propped atop a fox's throat, whilst it struggles and contorts its mouth in a wail of death. The predator flaps its wings over the prey. In the lower right corner of the painting there is a scorpion, an unmistakable trait of the painter, who participates in the scene with the weight of a signature, like a minuscule postilion steering a carriage filled with coded enigmas, in the language of vicious birds.

In addition to providing entertainment through music and painting, the Eskaton nursing home acknowledges the importance of outdoor activities. Gardening is another option for residents who possess good physical conditions, as long as the dry heat of the southwest of California is less rigorous. In or-

der to ensure flourishing gardens throughout the year, the landscaping team at Eskaton uses a technique known as Xeriscaping, in which they utilize plants that adapt well to hostile environments, such as deserts, high-altitude places with rocky soils, and open areas with high intensity of solar rays. Furthermore, these plants require limited water, sandy soils with great drainage and possess a greater resistance to strong winds and diseases. The varieties *Portulaca grandiflora* or Ten-O'Clock, *Thymus vulgaris* or Thyme, *Iberis sempervirens* or Evergreen Candytuft, *Sedum*, *Sempervivum tectorum* or Common Houseleek, *Delosperma cooperi* or the Hardy Ice Plant, and the *Asphodelus fistulosus* or onion-leafed asphodel are some of the species that color the surroundings of the nursing home.



vista do ateliê de Gabriel Secchin / view of Gabriel Secchin's studio

The Asphodel, a hermaphrodite plant that originates from the north of Africa, and south and central Europe, symbolizes the underworld in Greek mythology, in the form of a crown over Persephone's head, the daughter of Zeus and Demeter, abducted by Hades. According to Homer's *Odyssey*, the Asphodel Meadows lay on the edge of the world, in an obscure place where the sun never shines, to where the bodies of the living are sent upon dying. Unlike Tartarus, which is destined for the judgment and punishment of merciless souls, the Meadows are described by the ancients as a monotonous plain. Those, who in life, did not possess any glory or significant merit, yet also did not commit barbaric or criminal acts, were sent to the said Meadows. According to the ancient Greeks, within these Meadows, the mediocre would not receive pun-

ishments or gratifications, but would, however, be doomed to the sadness of wandering eternally through the dark plains of the neutral purgatory.

The wanderer with no glories, virtues, passions, and excesses, is sentenced to a vegetative state of the soul, as if after drinking from the Lete River and forgetting about his life, the loss of memory would no longer matter. Thus, the individual sees in that vast nothingness his best friend. Only stupid comments about the weather, which is never rainy or sunny, come out of his mouth. Slightly uneasy, he raises his eyes to the gray skies and sighs with boredom. The friends do not engage in conversation, perhaps because the two annoyed are so alike, they need not speak - they think the exact same thoughts and

are friends for the same reason. They do not miss wine, or the arts. A millennium goes by, and at last, they pluck Asphodels from the ground to smell them. Their noses have grown accustomed to the constant fragrance of that flower, and everything becomes indistinct.

Those who wander more alert through this vast gray Meadow can see a dim light in the distance, which resembles that of a faint lamp. It must be the tired sun, they think. Upon approaching the glow, they notice a TV of cathode rays that emit a pulsing bubble of light, the ebb and flow of a sort of electric breathing. The head-drum of the VHS player attached to the TV moves noisily, the internal mechanisms click, and the speakers spill out a male voice that sings the same line on a loop. The

words *afterlife entertainment* appears on the screen, cut horizontally by lines of visual static. Everyone plunges into a profound narcotic torpor, and a limbo instills itself, regressing to a few seconds of an excessively miserable nothingness, in an eternal repetition, which at times is the most intense comfort, and at others, amplifies the feeling of imprisonment. A tormented situation, which begins innocuously in the first years, grows until the perception of time liquefies itself and makes the living-dead go crazy in search for a way out of the sameness. These slips of the mind towards insanity become more and more frequent, until finally, the perception of this sound fades into a continuous rumble. The vision of the living-dead darkens to shades of gray, and remains as such, eternally.

Like an organism that expands its plasma membrane, the

borders of Asphodel's Meadow extends, conquers the earth, rises above mounts and slopes, and penetrates each and every crevice and orifice of the profound subterranean underground cavities. The roots of the flowers of limbo grow heavy, unfolding themselves in capillaries that entangle and strangle the fertile soil in dead clods. Initially, this binding contracts both the earth and the rock, and the entire ground crackles like the bones in the spine of an old man. The gray vegetation spreads, compressing nests and burrows. Blind animals with no pigmentation, adapted to the life of the caves, do not leave their territory, but sturdy their paws to resist the expansion of the Meadows. From the new Asphodels, dark nectar drips, emanating an odor that resembles sea air. Small dark streams moisten the soil, from where masses of black mold grow, whose spores

cover the skies in dense, motionless clouds. Birds migrate in multiple directions, similar to that of a swarm of souls in a slow procession. The dense air clings to their feathers, weighing down their hollow bones, forcing them to land, and wait.

Healthy soils are slowly consumed and become sick. The waters evaporate and mix with the spores suspended in the miasmatic atmosphere. Bones and dead corals emerge from existing depressions in the abyssal region of the oceans where brine accumulates. Coagulated piles of animal fat, bubble out of the water, and luminous spheres escape the tails of electric eels, leaving behind the live animal, albeit uncharged. The planet of trees, hills, mounts, valleys, and craters, become anemic and tonal. Grasshoppers, beetles, ants, flies,

cicadas, bed bugs, bees, ophelia, wasps, cockroaches, stoneflies, centipedes, caterpillars, mites, termites, mantises, dragonflies, cochineals, lice, fleas, leaf-bugs, ticks, fireflies, ladybugs, butterflies, moths, weevils, mosquitoes, colobuses, aphids, spiders, silkworms, as well as their eggs and larvae, last eternally. The life and death cycle is interrupted like a video on pause.

The ancestral planetary pulse transforms itself into a tremor of distressed mandibles, particularly because the great famine is over. Canine teeth no longer serve a purpose; the brief lives of prey are now not-so-fragile. All the species no longer feel pain, thirst, or fatigue, and can focus on mating rituals - yet they lack libido. Even if there was any interest in reproduction, they would not notice their

partners, since everything is gray, and the only real pungent smell is that of the Asphodels, that cover all traces of pheromones. The different beings cry out through buzzing, trills, hisses, howls, murmurs, and sighs for each other, and they all call for someone. The only lasting thing is the waiting, for that, which is beyond the reach of the eyes, because from the skies there are only clouds which embrace to drown the world in their ashes.



*“E qual é o horror daquele
Que sente a iminência da morte
Quando comparado ao horror de
Um feto que sente a vida se aproximar?”*

*“And what is the horror of one
Who feels the encounter in death
When compared to the horror of
An unborn child who senses the approaching life?”
—Spiritus Mortis*

Biografias dos artistas

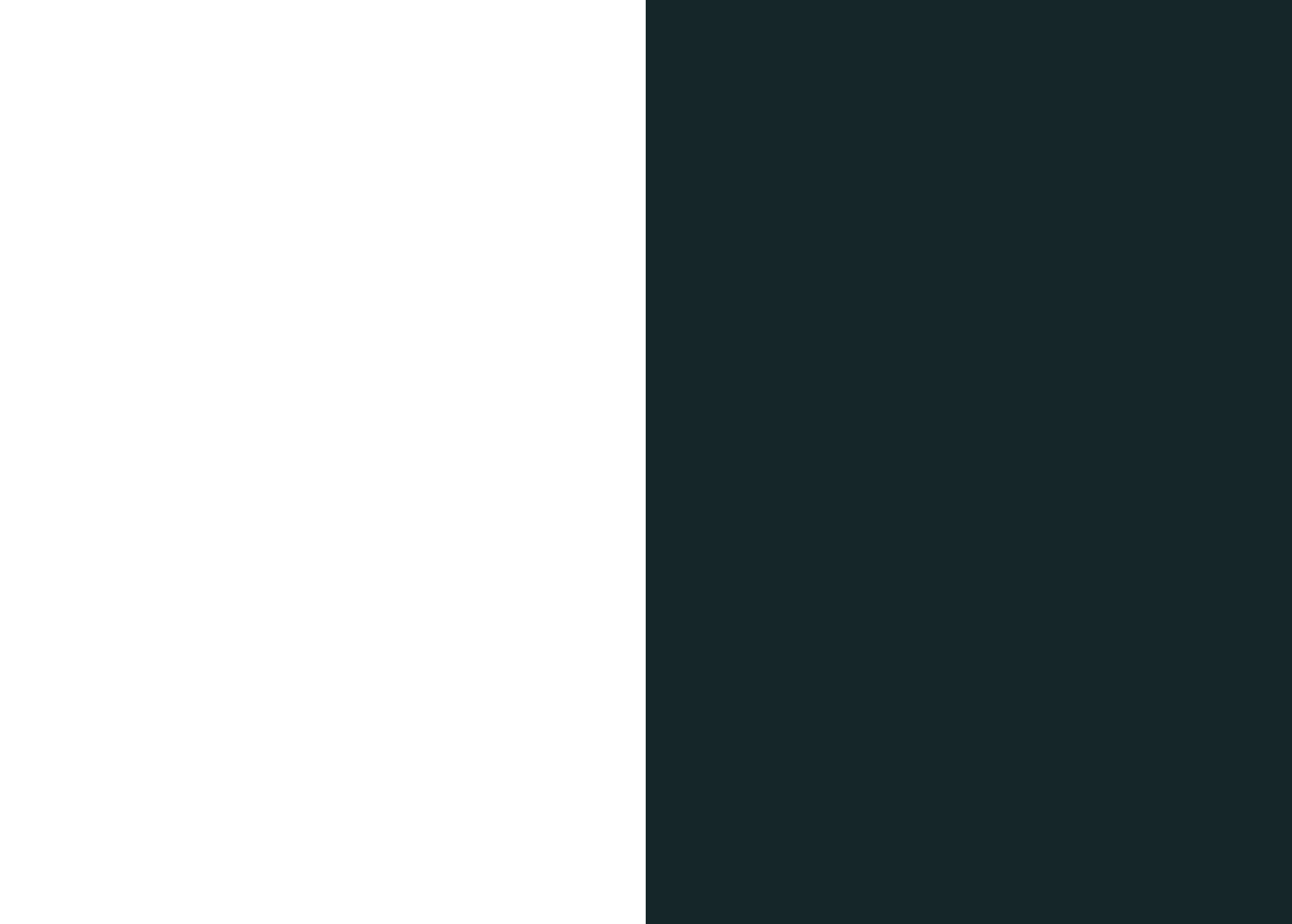
Gabriel Secchin nasceu em 1989 no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. É graduado em Design pela PUC-Rio. Sua prática artística, com ênfase em pintura, flutua entre reverência e sátira, infância e decrepitude. A partir de 2011 integrou o curso “Questões prático-teóricas da pintura na contemporaneidade”, lecionado por Luiz Ernesto e Bruno Miguel, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. *Principais mostras coletivas: A Luz que vela o corpo é a mesma que revela a tela, com curadoria de Bruno Miguel, Caixa Cultural RJ, 2017; Jungle Gym of Mind, durante a residência Pilotenkueche, Spinnerei, Leipzig, Alemanha, 2016; Novas Aquisições 2012/2014 Coleção Gilberto Chateaubriand, com curadoria de Luiz Camillo Osorio e Marta Mestre, MAM-RJ, 2014; Abre Alas 9, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, 2013; *Principais mostras individuais: Stracciatella/Flocos, GC2 Contemporary, Terni, Itália, 2017; O Testemunho, Portas Vilaseca Galeria, curadoria de Bernardo Mosqueira, 2014.**

Victor Mattina nasceu no Rio de Janeiro em 1985, vive e trabalha no RJ. Atualmente pesquisa as relações entre a estética forense e os vestígios da violência. Em 2017 participou da residência do 4^a Concurso de Residências Artísticas da Fundação Joaquim Nabuco sob curadoria de Moacir dos Anjos, em Recife – PE. Em 2016 participou da 6^a Edição da Bolsa Pampulha no Museu de Arte da Pampulha em Belo Horizonte – MG, sob curadoria de Cauê Alves e orientação de Mabe Bethônico, Luisa Duarte e Moacir dos Anjos. Desde então seu trabalho faz parte do acervo do museu mineiro. *Princ. mostras coletivas: Crônicas Urgentes, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, SP, 2018; Abre Alas 16, galeria A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, RJ, 2016; Mais Pintura, Sesc Quitandinha, Petrópolis, RJ, 2015. *Princ. mostras individuais: Antes do Forum, Paço Imperial, Rio de Janeiro, RJ, 2017; Delta, Galeria Cosmocopa, Rio de Janeiro, RJ, 2012.**

Artists' Biographies

Gabriel Secchin was born in 1989 in Rio de Janeiro, where he lives and works. Has a BA in Graphic Design at PUC-Rio. His artistic practice, with an emphasis on painting, floats between reverence and satire, infancy and decay. In 2011 he joined the course "Practical-Theoretical Aspects of Contemporary Painting", conducted by Luiz Ernesto and Bruno Miguel, at Parque Lage Visual Arts School. *Group shows: A Luz que vela o corpo é a mesma que revela a tela, curated by Bruno Miguel, Caixa Cultural RJ, Brazil, 2017; Jungle Gym of Mind, during Pilotenkueche residency program, Spinnerei, Leipzig, Germany, 2016; Novas Aquisições 2012/2014 Coleção Gilberto Chateaubriand, curated by Luiz Camillo Osorio and Marta Mestre, MAM-RJ, Brazil 2014; Abre Alas 9, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, Brazil, 2013; *Solo shows: Stracciatella/Flocos, GC2 Contemporary, Terni, Italy, 2017; O Testemunho, Portas Vilaseca Galeria, curated by Bernardo Mosqueira, 2014.**

Victor Mattina was born in 1985 in Rio de Janeiro, where he lives and works. Currently researches the relationships between forensic aesthetics and the vestiges of violence. In 2017 participated in the 4th Artistic Residency Contest of the Joaquim Nabuco Foundation under curatorship of Moacir dos Anjos, in Pernambuco, Brazil. In 2016 participated in the 6th Edition of the Pampulha Grant at the Pampulha Art Museum in Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil curated by Cauê Alves and coordinated by Mabe Bethônico, Luisa Duarte and Moacir dos Anjos. From then on, his work is part of the collection. *Main group shows: Crônicas Urgentes, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, SP, 2018; Abre Alas 16, galeria A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, RJ, 2016; Mais Pintura, Sesc Quitandinha, Petrópolis, RJ, 2015. *Main solo shows: Antes do Forum, Paço Imperial, Rio de Janeiro, RJ, 2017; Delta, Cosmocopa Gallery, Rio de Janeiro, RJ, 2012.**





AUTOCLAVE

Gabriel Secchin, 2019.

Esta publicação foi produzida para a ocasião da exposição individual AUTOCLAVE, na Portas Vilaseca Galeria, Rio de Janeiro - RJ em 2019.

This publication has been published on the occasion of the exhibition AUTOCLAVE, arranged by the Portas Vilaseca Gallery in Rio de Janeiro - RJ in 2019.

Design gráfico / Graphic Design:
Leite Mattinal

Revisão / Proofreading:
Sandra Secchin

Tradução / Translation:
Annette Dam

Impressão / Printers:
Printi

Edição / Edition:
200

